

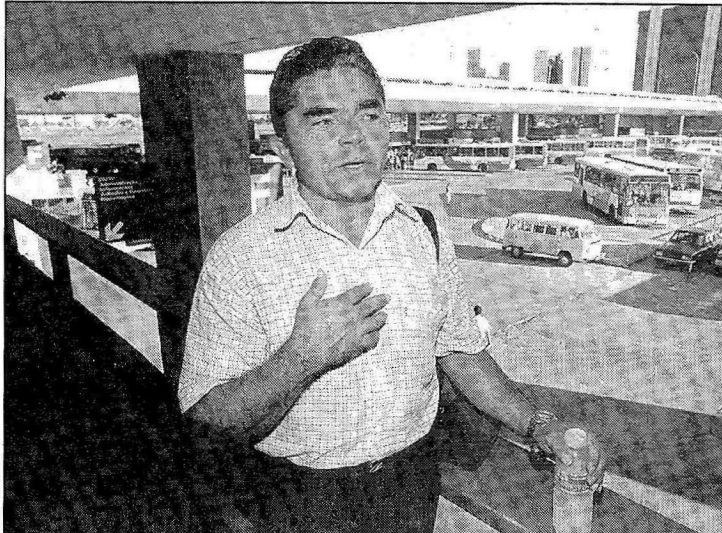
Urbanismo impõe custos maiores

Carina Nucci
Especial para o **Correio**

Os dois vilões do orçamento do brasiliense, transporte e habitação, são consequência do urbanismo da capital da República. Com as restrições para construir, a oferta de imóveis está sempre aquém da demanda, pressionando os preços para o alto. E graças às grandes áreas verdes entre os prédios, as casas e as cidades do Distrito Federal, as distâncias são maiores e fica mais caro deslocar-se de um lado para outro. O transporte pesa 40% mais no bolso do brasiliense do que em outras cidades e a moradia, 28%.

A cada mês, os ônibus rodam no total 16 mil quilômetros para levar e trazer as pessoas de casa ao trabalho, das 19 cidades até Brasília e dentro do Plano Piloto. Nesse período, 16 mil passageiros usam o transporte coletivo. Assim, há em média de uma pessoa por quilômetro percorrido. Portanto, em Brasília, cada passageiro tem de pagar por um quilômetro rodado, que custa R\$ 1,30 na capital, segundo o Departamento Metropolitano de Transportes Urbanos (DMTU).

Edson Gês



O porteiro Silva gasta quase metade do salário com transporte

Em outras cidades, o valor da quilometragem é dividido por mais passageiros, o que barateia a passagem. “Temos que fazer caminhos longos e isolados para atender à população, o que demanda larga frota para abranger grandes distâncias e, no entanto, levar poucos passageiros”, afirma o diretor geral do Departamento Metropolitano de Transportes Urbanos (DMTU), Leonardo de Faria e Silva.

Trinta quilômetros separam

o trabalho do porteiro Antônio Silva, 44 anos, na Asa Norte, da casa em Águas Claras. Todos os dias, ele gasta R\$ 3 e quase duas horas para percorrer o trajeto. As filhas Vanessa, 16 anos, e Glenda, 14 anos, também usam transporte coletivo e todo dia gastam, cada uma, R\$ 2 para ir e voltar da escola. Dos R\$ 535 que o pai ganha por mês, o transporte consome R\$ 210 em trinta dias. “Para me locomover gasto quase metade do salário, a sorte é que tenho casa

própria”, diz Antônio Silva.

Se para sair e chegar em casa o brasiliense gasta muito, para morar o preço também é alto. O metro quadrado do Plano Piloto em Brasília custa em média R\$ 2 mil. Como Brasília é patrimônio histórico tombado, não se pode aumentar o adensamento populacional.

A disputa por um lugar no avião abre caminho para a exploração do mercado imobiliário. “Todos sabem que a demanda por apartamentos no Plano é bem maior que o número de unidades disponíveis. Por isso o preço é alto”, afirma o presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis (Creci), Luiz Carlos Attié.

O que alivia o custo de vida do brasiliense é o baixo preço da comida que se põe à mesa. Paga-se menos para comer porque o salário do servidor público, que representa 60% da economia da cidade, está defasado sem reajuste há cinco anos. Essa é a explicação do presidente da Associação dos Supermercados de Brasília (Asbra), Alexandre Seabra. “Se o principal consumidor não tem dinheiro, o supermercado baixa o preço.”